O caráter místico e coletivo da capoeira angola

SILVA Renata de Lima , José Luiz Cirqueira FALCÃO et Cleber Dias

Num ambiente de disputa por espaço e reconhecimento, onde a Capoeira Regional ganhava maior destaque, a Capoeira Angola, já em clara oposição à primeira, rompia com sentidos e significados mobilizados pela capoeira entre os fins do século XIX e princípios do século XX, moralizando-se e afastando-se do ambiente da rua em favor de seu estabelecimento em escolas e grupos organizados, ao mesmo tempo em que assumia, por outro lado, maiores vínculos discursivos com uma ideia de passado africano.

É discurso corrente que Mestre Pastinha foi o principal representante da Capoeira Angola. Entretanto, deve-se reconhecer também que ele não criou a Capoeira Angola da mesma forma que Bimba criou a Capoeira Regional, muito embora Seu Pastinha, como também era chamado, tenha instituído uma série de inovações para a sua organização. Conforme consta em depoimento do próprio Mestre Pastinha e também na biografia de Mestre Noronha, numa roda de capoeira da Gengibirra, o guarda civil Amorzinho, acompanhado de Livino Diogo, Totonho de Maré, Aberrê e Mestre Noronha, teria « entregue » a capoeira para Pastinha (Muricy, 1999 ; Coutinho, 1993). Esse coletivo de capoeiristas teria autorizado Pastinha a « tomar conta » da Capoeira Angola. Se aqui está posto que Pastinha teria a autoridade para organizar a Capoeira Angola e, com isso, não deixá-la sucumbir, estava também implícito que ele tinha um compromisso com a memória desses mestres.

Em parte, este processo, que simbolizava a ideia de transmissão de uma herança coletiva, poderia explicar o motivo pelo qual o discurso da tradicionalidade recai sobre a Capoeira Angola, maximizado, depois, por artistas e intelectuais. Ou seja, a Capoeira Angola, já no seu formato moderno, se desenvolveu de maneira profundamente articulada a um caráter coletivo. A história da invenção da Capoeira Angola, portanto, não deve ser imputada a um único sujeito. O protagonismo e a colaboração ativa de outras pessoas no processo de construção do próprio discurso corporal da Capoeira Angola, para além da lendária *persona* de Mestre Pastinha, também evidencia este

caráter coletivo. Mestre Cobrinha Verde, por exemplo, é uma referência na codificação do discurso corporal da Capoeira Angola.

Nascido em Santo Amaro da Purificação em 1917, Rafael Alves França, conhecido como Cobrinha Verde, era primo de Besouro Mangangá¹, com quem iniciou seu aprendizado na capoeiragem, relacionando-se, mais tarde, também com Siri de Mangue, Espinho Remoso, Canário Pardo, entre outros. Foi apelidado por Besouro devido a sua agilidade e destreza, além de ser conhecido por sua habilidade com a navalha. Fez parte do bando de cangaceiros de Horácio de Matos (figura que aparece em canções de capoeira e samba de roda) e coordenou o Centro Esportivo de Capoeira Angola Dois de Julho, por onde passaram capoeiristas que posteriormente se tornaram mestres (Abib, 2009).

Cobrinha Verde jamais cobrou para ensinar capoeira, cumprindo promessa que fez a seu primo Besouro. Além disso, foi o que se pode chamar de mandingueiro nato. O conceito de mandinga não está somente ligado à ideia de astúcia, sedução e jogo de corpo. Mandinga é manha, malícia e também magia. Nas palavras do mestre : “Não era só a capoeira que me livrava dos meus inimigos. O bom capoeirista é mágico. Ele tem poder de aprender boas orações e usar um bom breve, porque a capoeira não livra a gente de bala”(Santos, 1991, p. 17).

O percurso de Mestre Cobrinha Verde também revela a significativa influência do Recôncavo Baiano na formação da Capoeira Angola soteropolitana no que diz respeito ao misticismo e às histórias de valentia que aparecem explicitamente na capoeira do Recôncavo (Abib, 2008). Esse mestre teria sido o responsável por introduzir na Capoeira Angola o ato de tocar o chão repetidas vezes como que fazendo um feitiço, ou pedindo proteção, movimento que se tornou emblemático da ideia de « soltar a mandinga ». Esta ação seria depois difundida por Mestre João Grande, que teve contato com Cobrinha Verde.

É interessante perceber aqui como uma concepção de mundo, no caso a relação com o sagrado e a religião, aparece no jogo da capoeira na forma de um discurso corporal, que, com o passar do tempo, se institui como um código caracterizador. A questão da « mandinga », não como um movimento, mas como um conceito de « vadiação »² da Capoeira Angola, tornou-se emblemática nas descrições e análises dessa prática, sobretudo no intuito de diferenciá-la da Capoeira Regional. É muito provável que a ênfase posta no discurso da capoeira sobre a questão da « mandinga » tenha colaborado para que o gesto de um mandingueiro como Cobrinha Verde tenha se tornado um símbolo da ideia de « soltar a mandinga ». Mestre João Grande, também teria tido papel fundamental nesse processo, visto que ele, em sua prática, ressalta bastante a relação da capoeira com o candomblé enfatizando o gesto de tocar o chão repetidas vezes com as mãos em seu jogo e em seu método de ensino da capoeira.

João Grande, referenciado por Rego (1968, p. 288) como quem « Deus mandou jogar », é discípulo de Mestre Pastinha e aparece no vídeo *Mandinga em Manhattan*, de Lázaro Faria (2006), fazendo e

falando de suas mandingas em Nova Iorque, incensando seu espaço na Sexta Avenida, cuidando de seu altar e falando de orixás. Os mitos, fantasias e mandingas se tornam, assim, aspectos da identidade da Capoeira Angola. Apesar de sua suposta « irrealidade », estes são elementos constitutivos do universo dos adeptos e entusiastas dessa vertente.

O mito, que já foi considerado por muitos como um subproduto da mente ignorante de povos menos desenvolvidos pode e deve ser entendido como um processo de reconhecimento da atuação do humano na sociedade. Ao invés de uma ingênua fantasia, trata-se, de maneira mais profunda, de uma das maneiras de o ser humano se relacionar consigo mesmo e com o mundo, conforme já apontou Cacciatore (1977). Mitos, em outras palavras, são « irrealidades » que criam *status* de verdade, à medida que são praticadas com um teor de fé e comoção.

23Na concepção de Pires (2001), a capoeira é uma tradição inventada porque ela tem fundamentos ideológicos e mantém uma relação artificial com o passado histórico, que segundo o autor, geralmente é esquecido ou bastante mitificado. No entanto, parece-nos que a mitificação é um processo que caracteriza os movimentos das culturas populares no Brasil, sejam elas tradições antigas ou atuais. O que Pires (2001) denuncia como vínculo artificial da Capoeira Angola com o passado bem poderia sugerir, visto de outra perspectiva, a ideia de um vínculo orgânico com um passado mítico.